

## PAISAGEM DESINTERDITADA: DA FANTASMÁTICA DA TERRITORIALIDADE À ESTRUTURAÇÃO DO SELF ECOLÓGICO

## DISINTERDICTED LANDSCAPE: FROM THE GHOSTLY OF TERRITORIALITY TO THE STRUCTURING OF THE ECOLOGICAL SELF

Newton Rocha Filho (Newton Goto)<sup>1</sup>

Pesquisador independente

### RESUMO

*Paisagem desinterditada* é uma série de animações em GIF que realizei em 2019, trabalhos derivados de registros videográficos de ações performativas participativas ocorridas em quatro distintos espaços públicos de paisagens urbanas hídricas de Curitiba. A proposta compõe o conjunto de trabalhos da exposição *Rios marginais*, inspirada em memórias, percepções territoriais e imaginários relacionados a rios urbanos. Este artigo reflete sobre processos de perda e de regeneração de relações de identificação socioambiental a partir da arte e das conceituações “fantasmática da territorialidade” e “estruturação do self ecológico”, ambas reflexões que dialogam com a poética de Lygia Clark, em especial com o conceito de “fantasmática” e com a proposta “estruturação do self”.

**Palavras-Chave:** Arte contemporânea. Arte e participação. Arte e processos caminhatórios. Arte e processos de territorialização socioambiental.

### ABSTRACT

*Disinterdicted landscape* is a series of GIF animations that I made in 2019, works derived from videographic records of participatory performative actions that took place in four different public spaces of urban waterscapes in Curitiba. The proposal is part of the set of works in the exhibition *Marginal Rivers*, inspired by memories, territorial perceptions and imaginaries related to urban rivers. This article reflects on processes of loss and regeneration of socio-environmental identification relations based on art and the conceptualizations “ghostly of territoriality” and “structuring of the ecological self”, both reflections that dialogue with the poetics of Lygia Clark, especially with the concept of “ghostly” and with the proposal “structuring of the self”.

**Keywords:** Contemporary art. Art and participation. Art and walking processes. Art and processes of socio-environmental territorialization.

---

<sup>1</sup> Doutor em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2022). Mestre em Linguagens Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004). Especialista em História da Arte do Século XX pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (2000). Graduado no Curso Superior de Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (1994). Email: [gotonewtown@gmail.com](mailto:gotonewtown@gmail.com). ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5463704124453383>. Curitiba, Brasil.

## A exposição *Rios marginais* e a proposta *Paisagem desinterditada*

*Paisagem desinterditada* é uma série de quatro animações em GIF que realizei em 2019, montagens derivadas de registros videográficos de ações performativas participativas realizadas em quatro distintos espaços públicos de paisagens urbanas hídricas de Curitiba.

A proposta faz parte de um conjunto de trabalhos artísticos que realizo desde 2015, denominado *Rios marginais*, inspirados e relacionais ao contexto da hidrografia urbana, com parte significativa dessa produção vinculada à hidrografia curitibana<sup>2</sup>, sub-contexto esse inclusive vinculado à exposição homônima *Rios marginais*, realizada no Museu da Gravura Cidade de Curitiba, em 2019<sup>3</sup>. Esse conjunto de trabalhos somado a outras propostas em arte socioambiental que realizei entre 2015 e 2012 fizeram parte também da pesquisa que desenvolvi no Doutorado em Poéticas Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ROCHA FILHO, 2022).

A exposição *Rios marginais* agencia trabalhos inspirados em memórias, percepções territoriais e imaginários relacionados às seis sub-bacias hidrográficas de Curitiba — ribeirão dos Padilhas, rio Atuba, rio Barigui, rio Belém, rio Iguaçu e rio Passaúna. Todas essas bacias hidrográficas fazem parte do trecho inicial da Bacia do rio Iguaçu, trecho denominado Alto Iguaçu, rio que, por sua vez, compõe a Bacia do rio Paraná.

Foram quatro as propostas artísticas associadas à exposição:

— *Águas fluviais* (Imagem 1): sete tampas de bueiros em ferro fundido, referência a cada uma das bacias hidrográficas da cidade e também ao rio Ivo (afluente do rio Belém) — fonte de abastecimento de água para os curitibanos até o final do século XIX.

---

<sup>2</sup> Para além dos trabalhos associados à hidrografia curitibana, outras propostas artísticas sobre contextos hídricos que realizei no período foram *Guaíba de Todos os Santos*, de 2017, e *Curillín de Medetiba*, de 2016-2017.

<sup>3</sup> *Rios marginais*, Museu da Gravura Cidade de Curitiba – MGCC, Solar do Barão. 18/07 a 25/08/2019. Programa Bolsa Produção para Artes Visuais 7, Programa de Apoio de Incentivo à Cultura – Fundação Cultural de Curitiba e da Prefeitura Municipal de Curitiba.

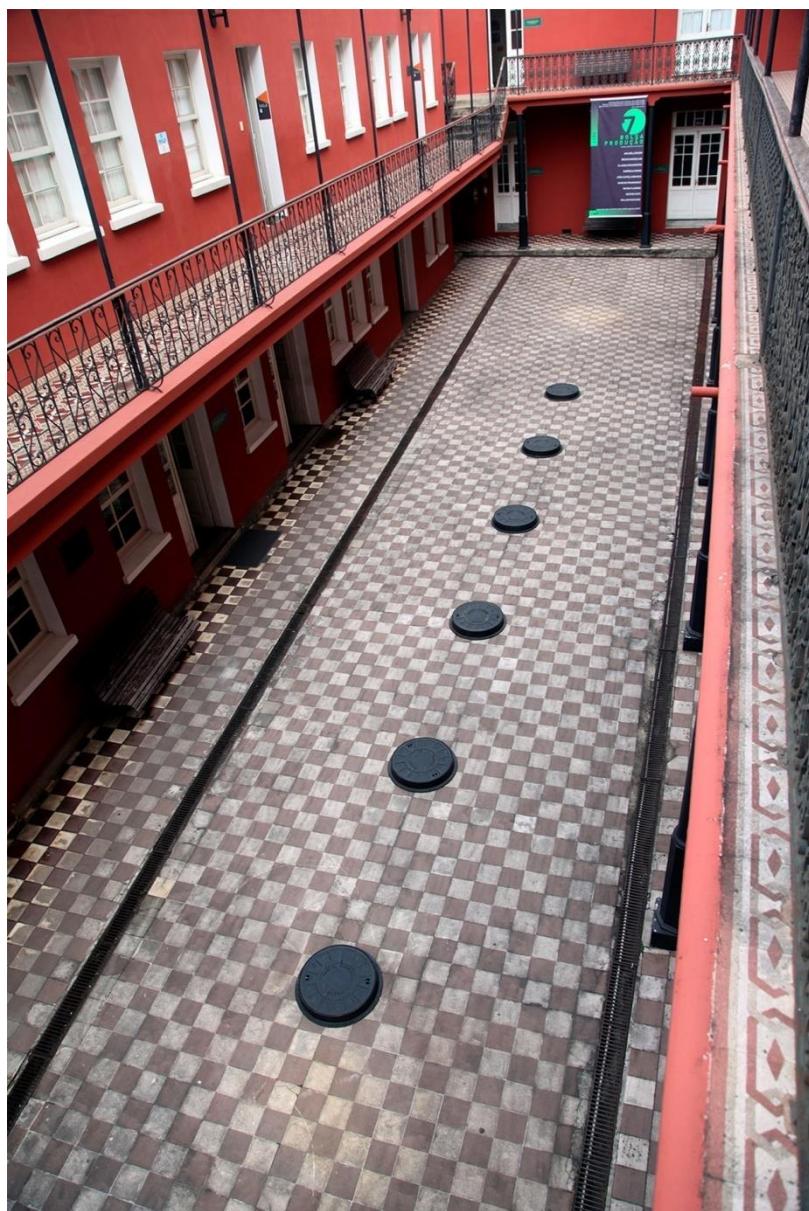


Imagen 1: Exposição *Rios marginais*, Newton Goto, Museu da Gravura Cidade de Curitiba, 2019. Vista dos bueiros Águas fluviais.

— *Sub-paisagens*: série de 24 cartões-postais com registros fotográficos e narrativas sobre relações de pessoas e de grupos sociais com os rios da cidade (Imagen 2). As fotos foram selecionadas de um conjunto de mais de 2.630 fotos feitas durante 42 incursões territoriais que realizei pelos vales de rios da cidade entre 2013 e 2019, mais de 90% delas a partir de 2015.



Imagen 2: Sub-paisagens: *Cascata(s) do Belém*. Um dos 24 cartões postais da série. Exposição *Rios marginais*, 2019.

- *Territoriolinguagem: Incursões urbanas Rios marginais*: conjunto de quatro conduções de caminhadas a quatro microterritorialidades específicas pré-mapeadas pela proposta *Sub-paisagens*, percursos abertos à participação coletiva. As caminhadas foram realizadas entre 27/07/2019 e 17/08/2019: Em 27/07: *Cascata(s) do Belém*; em 10/08: *Foz do rio Ivo no rio Belém*; em 04/08, *Foz do rio Barigui no rio Iguaçu*; em 17/08: *Nascentes do rio Sem nome código hídrico 111/42 Suderhsa*.
- *Paisagem desinterditada*: quatro animações em GIF derivadas de videoregistros de ações performativas participativas realizadas durante as quatro caminhadas *Territoriolinguagem: Incursões urbanas Rios marginais*.

Além da relação de interdependência e derivação poética entre as propostas *Paisagem desinterditada*, *Territoriolinguagem: Incursões urbanas Rios marginais* e *Sub-paisagens* vale observar que durante o período expositivo os trabalhos *Águas fluviais* e *Sub-paisagens* estiveram montados no espaço museal e as propostas *Territoriolinguagem: Incursões urbanas Rios marginais* e *Paisagem desinterditada* foram ações que ocorreram no espaço público, como atividades de extensão expositiva. Sobre os diversificados recursos de linguagem ativados nota-se a recorrência da caminhada como um meio para a prospecção de informações territoriais, associada complementarmente ao diálogo com a população e à pesquisa – histórica, geográfica, sociológica e ecológica. Nota-se também o uso da fotografia e do vídeo como meios de produção de registros, a construção de narrativas e a participação como meios poéticos recorrentes. Sobre a questão da participação, observa-se que ela efetiva-se de diferentes modos, como ação de ativação do trabalho e mesmo como condição fundamental para sua existência: no diálogo com pessoas, no manuseio e disseminação de cartões postais, nas caminhadas coletivas, na ação performativa no espaço público. A participação insurge mesmo no trabalho *Águas fluviais* – um mobiliário urbano fabricado industrialmente cuja característica escultórica remonta à tradição dos redymades modificados duchampianos –, pois sua inscrição espacial no espaço expositivo afilia-se à linhagem das intervenções urbanas e apresenta-se como perspectiva de interação com o público.

### **Caminhadas e um déficit geográfico coletivo**

Caminhadas por diferentes áreas urbanas e periurbanas como processo de prospecção de informações e de percepções para a realização de um trabalho artístico – ou como parte ainda mais direta da obra artística – tem sido uma prática que venho empreendendo há anos de diferentes modos, seja na orientação das oficinas de arte *Territoriolinguagem / Incursões urbanas* (desde 2000) ou em trabalhos de arte como *Cidade vazia* (2011), *Descartógrafos* (fase *Recartógrafos*, entre 2008 e 2012, em proposta do coletivo E/Ou), ou em diversos outros trabalhos de arte e mapeamento associados ao contexto da agroecologia urbana e jardinagem que empreendi a partir de 2015. À parte os processos caminhatórios artísticos, há décadas realizei caminhadas em áreas urbanas como uma das opções preferenciais de logística de deslocamento cotidiano para trabalho e lazer – junto ao uso de bicicleta –, percursos empreendidos também por lotes vagos e outros terrenos baldios urbanos. Complementarmente, há ainda o gosto por caminhadas em

trilhas de áreas de natureza exuberante, principalmente no Paraná, em regiões próximas à Curitiba, como também em alguns outros estados brasileiros.

Esse conjunto de práticas de caminhada, orientadas ou não pelo trabalho artístico, levou-me a conhecer diferentes paisagens de Curitiba, muitos lugares pouco conhecidos até mesmo da maioria da população residente no entorno de cada localidade. Alguns desses espaços, geralmente fragmentos de vegetação nativa em vales de rios, são inclusive áreas de grandes dimensões com poucos sinais de atividade humana recente. Após visitar algumas vezes alguns desses locais com entornos urbanizados, em percursos com duração de cerca de 4h, passou a causar estranheza a percepção de não ter encontrado nenhuma outra pessoa. Isso despertou a reflexão de que parecia haver um tipo de "déficit geográfico" na população, uma perda de vínculo territorial, tanto dos moradores do entorno das localidades quanto da população da cidade, por não conhecerem aquelas localidades de paisagem natural – ou de paisagem natural antropizada –, ou por quase não interagirem com elas, ou por estarem de algum modo impedidos de freqüentá-las. As especulações e hipóteses multiplicavam-se na tentativa de entender esse fenômeno das grandes áreas urbanas vazias que permaneciam como pontos cegos tantos nos mapas oficiais quanto no repertório imagético da população, e mesmo, estima-se, como pontos cegos na memória coletiva da população. Como paisagens cegas, paisagens obliteradas, paisagens apagadas, paisagens interditadas. Como paisagens esquecidas nas profundidades de um “inconsciente coletivo” curitibano, usando aqui uma conceituação da psicologia analítica junguiana. Essa inquietação levou-me a propor o projeto *Rios marginais*, com suas caminhadas de prospecção de territorialidades hídricas em Curitiba, percursos que viriam a subsidiar a elaboração das propostas artísticas desenvolvidas para a exposição *Rios marginais*. A intenção da produção artística foi de criar vivências, narrativas e imagéticas que contribuissem com a regeneração de um sentimento de integração territorial entre a população local e os rios urbanos de Curitiba, processos e imagens que contribuissem com a reaproximação psíquica e afetiva entre população e seu habitat.

Sobre o nome *Rios marginais* – referente tanto aos trabalhos de arte hídrica quanto à exposição –, a nomenclatura sugere uma metáfora paradoxal sobre o processo histórico de urbanização, processo em que povoados surgidos às margens de rios em decorrência da necessidade social de consumo de água potável, com o passar dos séculos,

crescimento populacional, expansão ocupacional, modernização e busca por novos recursos hídricos, testemunharam sua população subestimar os cursos hídricos, estigmatizando-os como águas poluídas e considerando-os como meras redes de drenagem, “marginalizando” esses ecossistemas de sua antiga centralidade: da vila à margem do rio ao rio à margem da cidade.

Posteriormente, refletindo sobre o contexto associado ao sentimento de “déficit geográfico”, ressignifiquei aquele psiquismo como “fantasmática da territorialidade”. E sobre o desejo de “regeneração de vínculo territorial” revalorei-o como “estruturação do self ecológico”. Neste artigo proponho um percurso sobre a construção dessas significações e enfatizo o trabalho *Paisagem desinterditada* como um agenciador desses conceitos e práticas.

### **O processo de invisibilização dos rios no cotidiano urbano**

Duas dimensões interdependentes são as principais causas da supressão dos rios como ambientes relacionais para as populações urbanas: os modelos e processos de urbanização efetivados no decorrer das décadas e as mudanças das práticas sociais e das valorações culturais dos rios pela sociedade.

Sobre a primeira perspectiva, constata-se que redes de drenagem artificiais foram construídas sobre as redes hídricas naturais a partir de necessidades sanitárias, ou visando contenção de enchentes ou para dar vazão aos grandes volumes de água da chuva que passaram a fluir pela superfície do solo cada vez mais impermeabilizado das cidades. Essas construções buscaram solucionar problemas originados nos próprios modelos de urbanismo pouco ecológico priorizados pelas sucessivas administrações de diversas cidades no decorrer dos séculos.

A segunda perspectiva interpretativa sobre o “apagamento” dos rios da vida cotidiana de uma população contemporânea refere-se às mudanças de paradigmas psíquicos, afetivos e de ética ambiental de uma população em relação aos rios de sua cidade. Refere-se a percepção de uma inversão de valores durante um processo histórico de tempo extendido: da vila que foi dádiva do rio ao rio que é o mal da cidade.

A inversão de valores na percepção social da natureza é construída como uma transição de estágios de psiquismo coletivo em relação aos rios, como subsequentes estágios de

agressão à natureza que acompanham os processos históricos de urbanização e suas urbanidades. As etapas dessa relação negativa entre sociedade humana e meio natural são o utilitarismo, o abuso, o desprezo, a culpabilização do outro e o recalque.

A dimensão utilitarista decorre da concepção de que os rios são prioritariamente "fontes de abastecimento de água potável" ou "recursos hídricos" para exclusivo uso dos humanos, cuja população em contínuo crescimento demanda cada vez de mais água para consumo e de novas fontes de captação. O abuso resulta da visão utilitarista transformada em exploração inconseqüente. Explorado à exaustão o meio ambiente torna-se degradado e passa a ser desprezado: sem sua utilidade original, passa a ser usado como receptáculo de efluentes e outros lixos. O acúmulo de más práticas ambientais resulta em poluição e contaminação das águas, a água potável transforma-se em fonte de doenças, torna-se líquido fétido, as margens dos rios tornam-se habitat de ratos e baratas. Os rios passam a ocasionar enchentes nas cidades e passam a ser culpabilizados por sua existência, são acusados de gerar incômodos e contratemplos ao "desenvolvimento da civilização". A expansão urbana associada à degradação ambiental constituem a base do desenvolvimento insustentável nas cidades, formam um modelo incompatível com a perspectiva de implantação de uma "cidade ecológica". Os rios urbanos, degradados pela ação humana, tornam-se insuportáveis ao convívio com os habitantes da cidade. Diante das dificuldades para implantação de uma política ecológica para reversão desse modelo – dificuldades antes por falta de consciência ambiental e de vontade política da maioria dos gestores públicos e da população, antes isso que por falta de recursos econômicos –, a solução encontrada foi canalizar os rios, com os mais "problemáticos" deles sendo canalizados em galerias subterrâneas sob a trama urbana. Usados, exauridos e degradados pela sociedade, desprezados e tornados insuportáveis, os rios são ocultados da visão, isolados do olfato e suprimidos da memória, são reprimidos sob a concretude da cidade e recalados na subjetividade coletiva, como num psiquismo de recalque análogo ao da psicanálise freudiana.

### **O ato falho do rio invisibilizado**

O apagamento dos rios urbanos torna-se um acontecimento físico e psíquico. Destruir o meio ambiente onde se vive é uma estupidez e contradição extrema. Desse impasse emergem duas perspectivas: o enfrentamento político, envolvendo a conscientização e a

tentativa de reversão e superação da situação; ou o recalque psíquico coletivo. Ambas as perspectivas estão em curso em diferentes localidades do mundo. Mas é incontestável a percepção de que a situação predominante na contemporaneidade não só brasileira ainda é o desenvolvimentismo econômico associado à degradação ambiental. O recalque psíquico ecológico está então vigente e dominante. Escondendo os rios do cotidiano urbano a sociedade busca eximir-se da responsabilidade de ter feito uma sucessão de piores escolhas. Ainda assim, em períodos de chuva com excepcionais índices pluviométricos, mesmo as águas dos rios enterrados em galerias subterrâneas vêm à tona, como “atos falhos ambientais”, insurgindo no cotidiano como um fragmento de memória daquilo que não se quer ver, sentir nem lembrar.

Há ainda uma situação derivada da perspectiva do enfrentamento político que retorna ao distúrbio psíquico. É quando o impasse ecológico é enfrentado antes enquanto discurso publicitário que como ação ou política efetiva de transformação.

### Fantasmática da territorialidade

Esse sentimento de perda de vínculos territoriais, esse "déficit geográfico", essa desterritorialização psíquica, essa paisagem subtraída ao corpo, há algo nisso que remete ao conceito de *fantasmática* desenvolvido por Lygia Clark, o qual perpassa as experiências com o uso sistematizado dos *Objetos Relacionais* em suas terapias de *Estruturação do Self*, como afirmou a artista: "A "estruturação do self" foi minha primeira sistematização de método terapêutico com os "objetos relacionais" (CLARK et al, 1980, p.51).

As terapias de Lygia, atividades fronteiriças e radicais entre arte e terapia, foram realizados entre 1976 e 1988 (ROLNIK, 2006, p. 15), e representaram a última fase do trabalho da artista, sendo o ápice de sua investigação com arte relacional. As sessões terapêuticas experimentais da *Estruturação do Self* propunham encontros individualizados com o público – chamados de clientes por Lygia – e eram realizadas num consultório onde ela conduzia massagens e interações táteis e sensoriais com as pessoas fazendo uso de diversos objetos criados ou selecionados pela artista, os *Objetos Relacionais*. Essas sessões, que privilegiavam o estado não-verbal, a introspecção e a multissensorialidade sinestésica visavam atingir e mexer com psiquismos profundos do participante, interconectando interioridades, sentimentos e memórias, essas nostalgias ou

fantasmas da memória do corpo, a *fantasmática* como chamava Lygia. Após a experiência eminentemente sensível as sessões também abriam-se para o momento da verbalização. As sessões terapêuticas, enquanto método, buscavam – e buscam ainda<sup>4</sup> – atingir novos estados de consciência não racional e reintegrar o sujeito a suas percepções, sensações, sentimentos e psiquismos, reencontro esse consigo mesmo que é a própria "estruturação do self", um re-arranjo entre consciência e subjetividade, um realinhamento da totalidade do indivíduo. O sentido de transformação buscado pela arte de Lygia é o "despertar do ser".

A analogia entre a *fantasmática da memória corporal* e a *fantasmática da memória territorial* baseia-se na percepção de existência de vínculos psíquicos e afetivos entre indivíduo e território, vínculos de diferentes tipos e intensidades, topofilia modeladas pelas histórias pessoais e também pelos ethos de diferentes grupos sociais.

Os territórios e paisagens que habitam a interioridade psíquica do indivíduo ou as subjetividades complexas de grupos sociais apresentam-se em diferentes formas: como elementos relacionais às práticas sociais cotidianas ou a momentos existenciais extraordinários de alegria, dor, medo, realização, descoberta. Paisagens interiores como um mapa de afirmação de um território habitado por uma cosmogonia. Como paisagens de encontros, sobreposições e choques culturais entre diferentes civilizações; como lembranças de processos de colonização, de extermínios e de exploração; ou como lembranças de imagens de resistência, de descolonização e de emancipação. Paisagens e imagens de poder e de contra-poder. Paisagens de utopias e de desejos de reintegração da civilização ocidental a uma perspectiva sintrópica de relação com a natureza. Paisagens que habitam as subjetividades oníricas, paisagens de imaginários, paisagens de mirações, paisagens de ficções.

Sensações e percepções relacionadas à territorialidade não são estritamente noções de exterioridade, corpo e território estão em dinâmica relacional. O território habita a interioridade do sistema de crenças do indivíduo e outros lugares afetivos e sensoriais inconscientes da psique.

---

<sup>4</sup>As terapias com uso dos *Objetos Relacionais* também passaram a ser realizadas pelo artista e terapeuta experimental Lula Wandreley desde 1980, com o consentimento de Lygia Clark, e desde então é um dos principais métodos usados na clínica experimental *Espaço Aberto ao Tempo*, coordenado por Lula no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Com a morte de Lygia em 1988, Lula Wanderley tornou-se o único terapeuta a dar continuidade à essa experiência no tratamento de pessoas com transtornos psíquicos. Ver: WANDERLEY, 2002.

Diferente da *fantasmagoria* da vida cotidiana urbana enunciada por Walter Benjamin (BENJAMIN, 1989), ao refletir sobre a obra de Charles Baudelaire, em que um imaginário de valores, comportamentos e pressentimentos humanos fluí no inconsciente coletivo da multidão nas ruas de Paris após a metade do século XIX, a *fantasmática da territorialidade* junto a série de trabalhos *Rios marginais* transita por *paisagens de reminescências* ou por paisagens de invisibilidades contemporâneas, também urbanas, entretanto focadas não estritamente nas relações sociais e sim nas relações socioambientais com os corpos hídricos urbanos, e mais ainda na percepção das ausências dessas relações. Em Benjamin, infundáveis pressentimentos em meio a uma multidão nas ruas, aqui, uma “multidão de memórias” em paisagens vazias. Memórias que recordam também Michel de Certeau: “os lugares vividos são presenças de ausências” (CERTEAU, 1994. p. 189).

A *fantasmática da territorialidade* em *Rios marginais* faz pensar também em Passaic, cidade natal de Robert Smithson. Lembra o texto escrito por ele durante e sobre uma viagem a Passaic, uma narrativa-percurso com reflexões sobre arte minimalista, sobre temporalidades e civilizações, sobre a cidade e sobre um imenso canteiro de obras de uma rodovia às margens do rio Passaic, obra que se encontrava então vazia por ser sábado:

Esse panorama zero parecia conter ruínas às avessas, isto é, todas as novas edificações que eventualmente ainda seriam construídas. Trata-se do oposto da “ruína romântica” porque as edificações não desmoronam em ruínas depois de serem construídas, mas se erguem em ruínas antes mesmo de serem construídas. (...)

Passaic parece cheia de “buracos”, comparada com a cidade de Nova York, que parece compacta e sólida, e esses buracos em certo sentido são os vazios monumentais que definem, sem tentar, os traços de memória de uma série de futuros abandonados. (SMITHSON, 2012, p. 165)

### **Paisagem desinterditada e a estruturação do self ecológico**

*Paisagem desinterditada* é uma série de quatro animações em GIF que realizei em 2019, montagens derivadas de registros videográficos de ações performativas participativas realizadas em quatro distintos espaços públicos de paisagens urbanas hídricas de Curitiba. As localidades escolhidas para a proposição das ações foram ambientes

bastante desconhecidos da população curitibana, ainda que sejam, paradoxalmente, lugares com grande significância geográfica, ecológica e histórica para a cidade.

As fotos que constituem a animação em GIF são frames de vídeo que demarcam as etapas da ação performativa, num procedimento de seleção de imagem que se configura como uma decupagem reversa da imagem gravada.

A imagem no início dessa animação é uma paisagem diante da qual está estendida uma faixa plástica de interdição de área, faixa essa fixada em duas hastes de metal fincadas ao solo. As ações performativas consistem na entrada em cena dos participantes deslocando-se em direção à faixa em movimentos naturais – não encenados e não coreografados – seguindo somente orientações gerais de posicionamento em relação a marcações espaciais. Quando o grupo todo pausa em pé diante da faixa ela é cortada e os participantes avançam mais para dentro da paisagem onde buscam se posicionar de modo confortável para contemplação silenciosa da paisagem. A ação performativa acontece em relação ao ponto de vista do registro audiovisual (Imagem 3 e 4).





Imagen 3 e 4: *Paisagem desinterditada: Cascata(s) do Belém*. Newton Goto. Dois frames de vídeo da animação em GIF. Curitiba, 2019.

Alguns procedimentos poéticos em *Paisagem desinterditada* lembram a obra *Sweet Wall*, de Allan Kaprow, realizada próxima ao muro de Berlim, em 1970, no lado ocidental da cidade dividida. Tanto no muro de Kaprow como na faixa de interdição de paisagens, o sentido de uma operação artificial de criação de um obstáculo físico e simbólico a ser superado, uma ideia de interdição que é também uma construção cultural, passível de desconstrução a partir da vontade e da ação humanas.

As propostas *Paisagem desinterditada* foram realizadas dentro das caminhadas coletivas *Territoriolinguagem: Incursões urbanas Rios marginais*. Enquanto as incursões urbanas oportunizaram vivência individual e coletiva aos participantes nesses territórios pouco conhecidos e pouco freqüentados pela população, as ações performativas e as obras audiovisuais vinculadas à série *Paisagem desinterditada* constituíram-se como uma proposta mais explicitamente associada ao exercício da poética visual.

Os trabalhos da série *Rios marginais* ativam processos de conscientização e vivências individuais e coletivas em relação ao território habitado. São propostas que incidem na *fantasmática da territorialidade* e podem despertar nas pessoas um sentido de aproximação e de interação com o meio ambiente, despertar sensibilização e consciência,

são perspectivas de *estruturação do self ecológico*. Lembro novamente da proposta *Estruturação do self*, de Lygia Clark:

A participação do expectador deixa de ser imaginária para ser tátil-ativa. Mais tarde, este espaço real circundante ganha uma plurissensorialidade particular, cujo toque no corpo alcança a Fantasmática inerente a ele, em suas relações com a memória e o simbolismo, fazendo romper o psicológico – as fantasias primordiais. (WANDERLEY, 2002, p. 42)

Em *Territoriolinguagem: Incursões Urbanas Rios Marginais* e em *Paisagem desinterditada* os objetos relacionais são elementos do próprio lugar: o solo, o ar, o calor, a vegetação, a água. Elementos atravessados pelo silêncio, pelo som ambiente e por histórias, pelo esforço físico do próprio corpo, por sensações, sentimentos e pensamentos, por interioridades e alteridades.

## Referências

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. as artes de fazer. Petrópolis-RJ, Vozes, 1994.

CLARK, Lygia; GULLAR, Ferreira; PEDORSA, Mário. Lygia Clark. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980. 60 p. (Arte Brasileira Contemporânea)

SMITHSON, Robert. Um passeio pelos monumentos de Passaic, Nova Jersey. In: **Revista Arte e Ensaios** nº 22, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n19.p162%20-%20167>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/50821>. Acesso em: 31/07/2024.

ROCHA FILHO, Newton. Experiências em Arte Socioambiental (2015-2021). Tese de Doutorado em Poéticas Visuais no PPGAV UFRGS. Porto Alegre: PPGAV UFRGS, 2022. (em processo de homologação)

ROLNIK, Suely. Breve Descrição dos Objetos Relacionais. In: Lygia Clark: da obra ao acontecimento. Somos o molde. A você cabe o sopro. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2006.

WANDERLEY, Lula. O dragão pousou no espaço: arte contemporânea, sofrimento psíquico e o Objeto Relacional de Lygia Clark. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.